

Pedagogia do Discipulado no Evangelho Segundo Marcos: Reflexões sobre a Formação*Pedagogy of Discipleship in the Gospel According to Mark: Reflections on Training*Florice Alves FERREIRA¹Rubens Nunes MOTA²

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre a pedagogia de Jesus na prática formativa dos discípulos. Visa discutir sobre a problemática da formação e a contribuição da casa de formação como espaço para vivenciar o discipulado de Jesus nas etapas iniciais da Vida Religiosa. Dar-se ênfase na formação dos discípulos ao redor de Jesus, segundo o Evangelho de Marcos. O grupo acompanhado por Jesus, ainda pode ser um referencial para os membros da equipe formativa? Esboça-se um breve panorama dos cenários das juventudes que chegam às casas de formação. É possível uma cooperação significativa entre comunidade religiosa e as pessoas em formação inicial? O estudo faz alusão à formação como um processo mistagógico na orientação do(a) formando(a) no caminho para Deus em vista de assumir a missão de Jesus. Através de revisão bibliográfica, fundamenta-se em autores com experiência no campo da formação inicial bem como os pesquisadores do Evangelho de Marcos.

Palavras-Chave: Pedagogia. Discipulado no Evangelho de Marcos. Mistagogia. Comunidade formadora

Abstract: This article proposes a reflection on the pedagogy of Jesus in the formative practice of the disciples. It aims to discuss the problems of formation and the contribution of the house of formation as a place to experience Jesus' discipleship in the initial stages of religious life. Emphasis will be placed on the formation of the disciples around Jesus, according to the Gospel of Mark. Can the group accompanied by Jesus still be a reference point for the members of the formation team? A brief overview of the scenarios of young people who come to the houses of formation. Is meaningful cooperation possible between the religious community and people in initial formation? The study alludes to formation as a mystagogical process in guiding those in formation on the path to God in order to take on the mission of Jesus. Through a bibliographical review, it is based on authors with experience in the field of initial formation, as well as researchers of the Gospel of Mark.

Keywords: Pedagogy. Discipleship in the gospel of Mark. Mistagogy. Community formation

1 Introdução

Para esta reflexão considera-se como princípio basilar a construção da comunidade formadora para melhor acompanhar o processo formativo de jovens nas etapas iniciais da Vida

¹ Licenciada em Filosofia (2009) e bacharel em Teologia (2013) pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão-IESMA. Especialização em Formação para a Vida Religiosa pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana-ESTEF-RS (2018). Mestranda em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP (2024). Email: ferflorice7@gmail.com

² Frade Capuchinho. Bacharel em Teologia pela Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás- IFITEG. Mestre em Psicologia e doutorando em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília-UCB. Especialista em Terapia Sistêmica pela PUC-GO. Docente de Pós-Graduação na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana- ESTEF-RS. Email: freirubens@gmail.com

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

Religiosa. Essa perspectiva pedagógica poderá favorecer o crescimento humano-espiritual dos sujeitos da formação envolvidos na tarefa de educar para o seguimento, tendo como referencial a comunidade dos discípulos formada por Jesus, segundo o Evangelho de Marcos.

Toma-se como base de reflexão o contexto da comunidade marcana, no qual Jesus instrui seus discípulos no caminho do seguimento, através da experiência de convivência com Ele. No Evangelho segundo Marcos, a formação dos discípulos se desdobra ao longo do caminho para Jerusalém. Se pôr a caminho é condição fundamental para assumir a missão de Jesus, portanto, ser discípulo de Jesus significa caminhar com Ele e deixar-se transformar por suas palavras e ações. Essa caminhada com Jesus é uma verdadeira escola de discipulado.

A pedagogia do discipulado aqui se refere à pedagogia utilizada por Jesus para formar a comunidade de discípulos. O processo formativo passa pela nova maneira de convivência e identificação com o Mestre de Nazaré. As questões abordadas não devem ser absolutizadas como uma orientação dogmática, mas como intuições de um caminho feito a partir de leituras e aprofundamentos acerca da temática, assim também como de experiências no trabalho da formação.

Essas intuições devem ser concebidas como pistas que poderão ajudar no aprofundamento da missão do formador(a) em sua relação com os formandos(as) tendo a comunidade formadora como apoio pedagógico para a realização do processo formativo para o seguimento de Jesus em vista da missão. O objetivo é tão somente apresentar a mistagogia³ de Jesus no caminho do discipulado como um itinerário formativo para a vida e missão da Vida Religiosa, pois a mistagogia está intimamente ligada a realidade do mistério de Deus. Jesus traz consigo esse mistério e compartilha com os seus discípulos.

2 A comunidade dos discípulos de Jesus no Evangelho de Marcos

O Evangelho de Marcos favorece a compreensão do que significa preparar pessoas para assumir uma determinada missão. Neste contexto, Jesus caminha com seus discípulos para Jerusalém. Ao longo desse itinerário, percebe a cegueira dos discípulos em relação a sua pessoa e missão. Assim como os fariseus e doutores da Lei não compreendem a prática libertadora do

³ Por mistagogia entende-se uma iniciação, introdução aos mistérios da fé. No processo formativo é o ato de conduzir o(a) formando(a) na experiência de Deus. Mist+ agogia (*Myst+ agagein*): mistério+ guiar, introduzir, conduzir.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

Mestre de Nazaré, os seus seguidores também não. Dessa forma, com uma pedagogia totalmente nova, diferente daquela aplicada pelos rabinos de seu tempo, Jesus congrega seus seguidores em uma lógica de comunidade discipular, que se efetiva ora no caminho, ora na particularidade da convivência fraterna.

2.1 Jesus e os discípulos

Aceitar fazer um caminho vocacional, supõe acolher na liberdade e generosidade um chamado (Mc 10,21) e uma missão: anunciar a Boa Notícia do Reino com a própria vida, ou seja, assumir um itinerário de fé que irá se concretizar no chão da realidade onde a comunidade está inserida.

O Evangelho de Marcos apresenta o chamado que Jesus faz aos discípulos, cuja prática coincide com a convivência formadora nos três anos desde o batismo de João até o momento da sua ascensão (At 1,21-22).

Após esse tempo de convivência, Jesus renova esse chamado e atrai para si os que ele desejou, a saber: “os Doze” (Mc 3,14). O modo de ser de Jesus, seu proceder, seus gestos e palavras eram a referência de uma autoridade nova, diferente das autoridades conhecidas de seu tempo.

Jesus inaugura com seus seguidores, uma nova forma de convivência: “Vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz” (Jo,13, 15). Tudo começa com o chamado na Galileia. O entusiasmo inicial era crescente e prenhe de novidade. É importante notar que houve uma ruptura iniciática, aqueles homens que foram chamados, eram de origem praiana, ou seja, eram pescadores. Homens rudes, acostumados a trabalhar sob o sol e sob o vento, enfrentando os desafios das ondas agitadas nas noites de pescaria. Ao passar, Jesus chama-os e eles deixam tudo e o seguem (Mc 1,16-20).

Forma-se um grupo, uma fraternidade, uma comunidade itinerante. Colocar-se a caminho com Jesus supõe renúncia e ruptura com o modo de vida anterior. Nasce a partir desse chamado como resposta, o encontro na comunidade. É a comunidade de Jesus e seus discípulos. E os discípulos acompanham Jesus por toda a Galileia, entram nas casas que ele mesmo frequenta. Estabelecendo-se então uma convivência com Ele, seguem seus passos para além dos horizontes habituais até a outra margem (Mc 6,1;5,1).

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

Os discípulos tornam-se partícipes da caminhada de Jesus. Aprendem com ele uma nova maneira de viver e ver a vida, de interpretar a lei e normas religiosas. Assumem um processo de conversão permanente. Jesus os prepara para assumir uma nova missão a partir de seus ensinamentos e modo de viver. Ele torna-se uma referência inconfundível para os discípulos.

Havia um entusiasmo inicial que se fundamentava na pessoa de Jesus com seus discípulos. Entretanto, apesar da esperança e alegria que Jesus representava com o anúncio da chegada do Reino, havia muitos aspectos desse anúncio que os discípulos não compreendiam, ou seja, isto estava distante do seu universo de sentidos. Por várias vezes, diante das palavras de Jesus, apareciam uns conflitos de ideologia e interpretação da realidade na percepção dos discípulos.

Essa ideologia era conhecida como o “fermento de Herodes e dos fariseus” (Mc 8,15). Era a ideologia dominante da época em que os discípulos estavam mergulhados. Jesus orientava seus discípulos a viverem em um processo permanente de formação e revisão de vida. Essas orientações e ensinamentos eram pedagogicamente retomados por Jesus para os esclarecimentos no grupo dos discípulos. Nos textos que seguem amplia-se com mais profundidade essa “ideologia dominante” dentro do processo de formação dos discípulos no caminho do discipulado à luz do segundo Evangelho.

2.2 O discipulado no Evangelho de Marcos

Com a convivência permanente dos discípulos ao redor de Jesus e o desenvolvimento da missão itinerante através dos povoados, configura-se assim a comunidade dos Doze. O Evangelho de Marcos assim descreve: “Depois que subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até Ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3,13-15). Desse modo, a prática do ensinamento de Jesus se realiza em torno de sua pessoa, dentro da casa e fora dela, no caminho do discipulado. Nesse sentido, Sebastião Gameleira Soares corrobora:

Jesus é o polo de irradiação. Ele ensina por sua maneira de agir (1,21-28). Em torno dele se reúnem discípulas e discípulos. Marcos diz isto de várias maneiras: são as pessoas que “mudam de vida e crêem no Evangelho” (1,15), saem do mar, “deixam as redes e o seguem” (1,18), “levantam-se e se põem a servir” (1,31), são “quem faz a vontade de Deus” (3,35), quem é de dentro e, por isso, recebe a revelação do segredo do Reino (4,11). A casa significa a relação de intimidade com Jesus; por isso, a quem entra “tudo se explica em particular”, enquanto aos “de fora” tudo permanece em “enigma” (4,33-34) (Soares; Correia Júnior, 2002, p. 20)

O relacionamento mestre-discípulo caracterizava o modo de seguimento de Jesus que se dava na convivência. Os discípulos “seguem” o mestre e se formam na convivência com Ele. Jesus é mestre como os rabinos da época, mas com um diferencial extraordinário: reúne os discípulos e discipulas para formar comunidade. Conforme (Convergência, 2000, p.399), nesse seguimento, forma grupos concêntricos em torno dele, a saber:

- O grupo dos Dozes
- Uma comunidade mais ampla de homens e mulheres (Lc 8,1-3)
- O grupo dos setenta e dois (Lc 10,1)
- As grandes multidões que se reúnem ao redor de Jesus para ouvir sua mensagem.

Como os grupos de discípulos daquela época, os que seguem Jesus criaram um ritmo de vida diário, semanal e anual. Diariamente, como as famílias e a comunidade judaica se uniam a (*YHWH*) Deus em oração. Jesus e seus discípulos também tinham a vida pautada por essa espiritualidade bíblico-judaica, pois as orações feitas no grupo eram inspiradas pela Torá (*Tôrah*), o livro da Lei. Semanalmente, aos sábados, se reuniam com o povo de Israel na sinagoga para ouvir as leituras da Torá (*Tôrah*), para rezar e louvar a (*YHWH*) Deus e para discutir as coisas da vida da comunidade (Lc 4, 16.44; Mc 1,39).

Cada ano, o povo tinha que fazer três romarias a Jerusalém para visitar a (*YHWH*) Deus no Templo. Jesus e os discípulos também participavam dessas romarias. Criava-se então um ambiente familiar e comunitário envolvido pela leitura da Palavra de Deus, onde Jesus formava os discípulos (CRB, 2000, p.192). Este ambiente formativo tinha alguns critérios que ajudavam os discípulos no processo de identificação com o grupo:

a) Os discípulos aprendiam por tradição oral os salmos e as orações. Nas orações e benditos, eram evocados os acontecimentos mais importantes do passado. Isso ajudava a reforçar nos discípulos a identidade do grupo tendo como aliado a memória histórica;

b) A postura corporal nos ambientes de oração, também ligando-se ao povo espalhado pelo mundo, fortalecia a consciência de pertença ao povo de Deus;

c) A convivência nesse ambiente formativo favorecia a dimensão mística e criativa do grupo a criar a própria oração, sua prece, seu salmo de vida. Com Jesus eles aprenderam uma prece universal que é o Pai Nosso (Mt 6, 9-13; Lc 11,2-4).

Durante três anos de “convivência” com Jesus, os discípulos receberam a formação para a vida e a missão dele mesmo. Qual a consistência dessa formação? Essa formação consistia no

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

“seguimento de Jesus” através da comunicação da nova experiência de Deus e da vida que irradiava de Jesus para os discípulos. A própria comunidade que se formava ao redor de Jesus era a expressão desta nova experiência do Deus da vida (Convergência, 2000, p. 401).

Essa formação proporcionava naqueles homens e mulheres, que além dos Doze – um grupo restrito – acompanhavam Jesus, uma mudança significativa de visão de mundo e de comportamento. Criava-se então, uma nova consciência a respeito da missão e a respeito de si mesmo. E por fim, produzia aos poucos a “conversão contínua” como consequência da aceitação da Boa Nova (Mc 1,15).

2.3 Uma comunidade de discipulado

A comunidade que se forma ao redor de Jesus, vai aos poucos aprendendo o jeito de ser de Jesus, seu proceder como Mestre em uma nova maneira de se relacionar. Essa nova maneira de se relacionar com Jesus na fé (Mc 9,2-9), é revelada através da experiência da Transfiguração. Com essa experiência, os discípulos aprenderam a abrir os olhos para a realidade da fé. Jesus aparece-lhes na glória junto com Moisés e Elias: “Este é o meu filho amado. Escutem o que ele diz” (Mc 9,7).

Essa fala evoca a presença de um Messias glorioso, mas o caminho que leva até a glória deve passar pela cruz. Jesus caminha para Jerusalém, onde será morto. É o servo sofredor anunciado por Isaías (Is 42,1;53,2-8). Na falta de compreensão dos discípulos sobre a fé, Jesus ensina que só podem expulsar o poder do mal, isto é, o fermento dos herodianos e dos fariseus e de quebrar a ideia equivocada do messias, se tivessem uma fé amadurecida e esclarecida que será alcançada ao longo do caminho do discipulado.

Essa concepção de caminho no Evangelho de Marcos é muito importante para compreender como acontece o discipulado. Os discípulos caminham na estrada com Jesus. Sobre isto nos esclarece o biblista Johan Konings (2018):

caminhar significa proceder, agir, conduzir sua vida. Jesus é quem mostra este caminho, deslocando-se materialmente de cidade em cidade, mas, sobretudo, abrindo e dando a conhecer seu caminho de vida, por sua palavra, por seus gestos, pelo dom da própria vida. Neste caminho, revela-se como portador da autoridade e do poder de Deus, como Senhor do sábado e da natureza, como Cristo- Messias[...] (Konings, 2018, p.10).

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

A instrução sobre o relacionamento entre os membros da comunidade, Jesus apresenta por meio de pequenos fatos e diálogos durante o caminho feito para Jerusalém. Caminhando com Jesus e escutando os seus ensinamentos, os discípulos foram descobrindo as mudanças que eram necessárias em suas atitudes nos diversos níveis de relacionamento humano, a saber: (Convergência, 2000, p.403):

1. Abertura para acolher as pessoas que estavam fora do grupo;
2. Acolher os pequenos e excluídos por causa do próprio Jesus;
3. Relações de igualdade de gênero (Mc 10,1-12);
4. Gestos de ternura para com as crianças;
5. O desprendimento para com as coisas materiais;
6. Partilha entre os membros da comunidade.

Estes são os elementos fundamentais no processo de formação dos discípulos segundo a comunidade marcana. É seguindo essa dinâmica de convivência entre instrução e prática que os discípulos vão aprendendo a relacionar-se de maneira diferente. Considerando o discipulado como seguimento de Jesus, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ressalta a importância de estar com Jesus para aprender com Ele a abertura para o serviço do Reino. Os discípulos caminham na estrada com Jesus e se tornam missionários do Reino. Sobre esse processo de formação de discípulos missionários, os bispos reunidos em Conferência na cidade de Aparecida, afirmam:

O caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque lhe conhecem a voz. O Senhor despertava as aspirações profundas de seus discípulos e os atraía a si, maravilhados. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena (DAp, 2007, nº 277).

Com a cura do cego de Bartimeu (Mc 10,46-52), Jesus completa o quadro de formação dos discípulos. O Evangelho de Marcos apresenta Bartimeu como modelo de verdadeiro discípulo. Bartimeu tinha uma ideia sobre Jesus. No caminho onde acontece o encontro, Bartimeu teve fé e foi curado, converteu-se e como um verdadeiro discípulo, larga tudo e segue Jesus no caminho para o Calvário.

A fé foi um elemento importante nesse processo de conversão. Percebe-se que no processo de formação dos discípulos era muito comum Jesus chamar atenção sobre a fé nas ideias sobre si mesmo. Muitas vezes, Pedro era repreendido por Jesus por sua falta de compreensão na missão do Messias sofredor. Bartimeu é apresentado como modelo de fé para

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

os discípulos, portanto, “o discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que conduz e acompanha” (DAp, 2007, nº 277).

Para se compreender o seguimento de Jesus, faz-se necessário transformar a instrução em compromisso operacional, ou seja, em uma práxis cristã, colocar-se no caminho com ele na dinâmica do serviço desde a Galileia até Jerusalém. Esse caminho do discipulado exige entrega, abandono, serviço, disponibilidade, saber lidar com conflitos, assumir o caminho da cruz. Sem a compreensão de que seguir Jesus, é carregar a sua cruz, é impossível empreender o discipulado missionário.

3 A prática formativa de Jesus: formar para a missão

A raiz da missão é a nova experiência de Deus como *Abba*, Pai. Mas a situação em que se encontrava o povo no tempo de Jesus era o contrário da fraternidade que Deus sonhou para todos. Diante disso, Jesus toma uma atitude. Inspirado pela experiência de Deus assume uma postura em defesa da vida do povo e define sua missão como a missão do povo que sofre, a missão do servo, o servo sofredor (Lc 4,18-19). A missão que a comunidade dos discípulos e discípulas recebe de Jesus é a mesma que ele recebeu do Pai.

Mas como se realizava essa prática formativa de Jesus? Que conteúdos ele utilizava no processo de formação dos discípulos? Nas instruções deixadas pelo Mestre de Nazaré a seus discípulos, certas palavras e atitudes do próprio Jesus desconcertavam-lhes, por não entenderem quais os caminhos propostos por Ele. Essas instruções eram dadas de várias formas. Às vezes por palavra, outra hora por meio de ações, ora por discursos longos e enigmáticos.

Com essas instruções os discípulos de Jesus são despertados a penetrar no mistério maior que é o próprio Jesus. A pedagogia de Jesus consiste no aconselhar, no acolher, no exortar de uma maneira que os discípulos não estavam acostumados (CRB, 2000, p. 192).

Com a contribuição de Mesters (2012, p.62) aponta-se alguns recursos básicos da pedagogia formativa utilizada por Jesus:

a) o testemunho de vida. Isso refletia para os discípulos os traços do próprio Deus quando Jesus exclamava “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). A raiz da transparência de Jesus era a sua fidelidade ao Pai e a sua coerência com a boa-nova que ele anunciava;

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

b) A vida e a natureza. Jesus transmitia aos discípulos seus ensinamentos sobre a vontade do Pai através dos fenômenos mais comuns da natureza. Nos pássaros do céu e nos lírios do campo, ele descobria os sinais da providência divina (Mt 6,26-30);

c) A preocupação com as grandes questões do momento e as indagações do povo a respeito da realidade de opressão;

d) O ensino baseado na repetição do conteúdo que transparece em partes de seus discursos, por exemplo o Sermão da Montanha (Mt 7,24-27);

e) o jeito de ensinar em qualquer lugar, dos lugares preestabelecidos pelo sistema educativo da época;

f) Momentos a sós com os discípulos para que num lugar distante da agitação ele os pudesse instruir, ou mesmo convidava-os para descansar um pouco das fadigas da missão (Mc 4, 34; 7,17);

O uso constante das Escrituras se fez necessário para orientar, realizar a missão e finalmente, a instrução sobre a cruz e o sofrimento que causou reações fortes nos discípulos (Mc 8,31-33). Esses foram os conteúdos em que Jesus mais insistiu ao exercer sua missão formadora juntos aos discípulos. Evidencia-se assim, alguns recursos pedagógicos utilizados por Jesus, que denotam todo o processo formativo dos discípulos e discípulas do Reino.

3.1 O ensinamento por parábola

A prática formativa de Jesus se concretiza à medida que ele vai convivendo com seus discípulos. Jesus aprendeu a contar histórias relacionadas à realidade dos seus ouvintes, a fim de comparar as coisas de Deus, que não são claras aos olhos das pessoas, com as coisas da vida do povo.

Jesus conhecia bem a luta diária pela sobrevivência experimentada pelo povo de seu tempo. Assim como também conhecia bem os desejos de Deus, o projeto do Reino de Deus. A parábola ou pequenas histórias constituem a pedagogia participativa de Jesus ao ensinar valores, os valores do Reino, faz-nos pensar e refletir. Jesus não dá mensagens prontas, mas faz descobrir o que está por traz das palavras.

Jesus falava em parábolas para provocar os discípulos a enxergar além da lógica estabelecida pela lei judaica. Algumas parábolas são totalmente contraditórias e paradoxais. Leva-nos a entrar na história contada com base na sua própria experiência de vida.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

Toma-se como exemplo, a parábola do pastor que tem cem ovelhas e abandona as noventa e nove no deserto à míngua, para encontrar aquela que se perdeu, que debandou do grupo (Lc 15,4). Isto se revela totalmente inconcebível na concepção do mundo atual.

Assim ao contar suas parábolas Jesus faz distinção de dois tipos de ouvintes: aqueles “de fora” e os “de dentro”. Os considerados “de dentro” são basicamente os discípulos que convivem diariamente com Jesus e acreditam na sua boa nova. A estes é dado conhecer o mistério do Reino. Os “de fora”, aqueles que não faziam parte da “família de Jesus”, as coisas eram contadas em parábolas, “para que vendo, não vejam”.

A multidão que ouvia Jesus sabia o significado da semente, mas não sabia que Jesus era a semente do Reino, ou o próprio Reino. O ensinamento por parábola possibilitava aos discípulos aprenderem o significado da mensagem de Jesus. “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Mc 7,16) Ou seja, Jesus provocava a inteligência e sensibilidade dos discípulos, mas ao mesmo tempo confiava na sua capacidade de interpretação, assim como também na capacidade de seus ouvintes “de fora” de entenderem seus ensinamentos.

3.2 O processo de formação dos discípulos

Jesus acompanhava seus discípulos dia após dia num processo de formação que exigia conversão quanto ao “fermento” da ideologia dominante da época. Os discípulos estavam tomados por essa mentalidade, por isso Jesus tinha certa vigilância e os acompanhava para que despertassem a consciência do “fermento” de Herodes e dos fariseus.

Identifica-se os tipos de mentalidade que os discípulos possuíam segundo (Convergência, 2000, p.409) e que Jesus combatia no processo de formação:

1. Uma mentalidade de grupo fechado – consideravam-se o “Povo Eleito”, “Povo Escolhido”. Jesus os adverte quanto a essa mentalidade, pois queriam proibir alguém de utilizar o nome de Jesus para expulsar os demônios, só por não andarem com eles.
2. Uma mentalidade que se considerava superior aos outros – essa era a velha mentalidade de “Povo Privilegiado”. Quando os discípulos souberam que os Samaritanos não quiseram dar hospedagem para Jesus, queriam que o fogo do céu destruísse esse povo. Jesus os repreende novamente!
3. Uma mentalidade de competição e de prestígio (Mc 9,33-34), os discípulos se preocupam com quem ficará em primeiro lugar. Estavam imbuídos do espírito de competição entre eles, frutos

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

da mentalidade da sociedade do Império Romano. Jesus combatia essa mentalidade com a exortação: “Aquele que dentre vós quiser ser grande, seja vosso servidor e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos” (Mc 10, 43-44).

4. Uma mentalidade que marginaliza o pequeno. Jesus repreende os discípulos quando estes afastavam as crianças que se aproximavam dele. A mentalidade da época é que criança era insignificante e tinha que ser educada pelos pais. A lei judaica da pureza também influenciava essas atitudes dos discípulos. “Deixem vir a mim as crianças!” (Mc 10,14) é a resposta de Jesus e um ensinamento que transgride as normas da pureza que impediam o acolhimento e a ternura com os pequeninos e marginalizados.
5. Mentalidade de quem segue a ordem da ideologia dominante – “Os discípulos estavam presos a ideologia dominante da época de Jesus. Isso atrapalhava na percepção do alcance da Boa Nova do Reino” (Mesters, 2012, p.60-61).

Jesus com sua pedagogia crítica os ajudou a alargar a visão diante da realidade que se impunha para eles. Por exemplo, no episódio da cura do cego de nascença em Jo 9,2 eles fazem uma pergunta totalmente moralizante e que seguia a ideologia dos fariseus. Jesus dá uma resposta que supõe uma consciência nova e uma leitura diferente da realidade. Essas e outras imagens do evangelho revelam a preocupação do Mestre de Nazaré com o processo de formação e conversão dos discípulos.

A convivência formativa de Jesus com os discípulos constitui-se em uma verdadeira pedagogia do caminho. Ao longo do tempo em que os discípulos conviveram com Jesus, ele os formava através de sua prática e anúncio do Reino. O seu testemunho de vida marcava presença na vida dos discípulos: o seu jeito de ser e de conviver, de relacionar-se com as pessoas e de acolher o povo que vinha ao seu encontro. Essa era a maneira de tornar humana a sua relação com Deus Pai.

Mais adiante, refletir-se-á sobre a formação como desdobramento do caminho de fé, em um itinerário definitivo para Deus experimentado na comunidade formadora, como espaço integrador da identificação com o Mestre. A formação é vista como um processo pedagógico que levará ao compromisso com a missão do próprio Jesus.

Entretando, antes de adentrarmos na reflexão sobre a comunidade formadora, faz-se necessário mencionar de forma panorâmica o cenário das juventudes que chegam às casas de formação. Que perfil de jovens ou juventudes estão buscando um acompanhamento

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

personalizado para aprofundar melhor sua vocação e possibilitar uma resposta mais consciente e livre em prol da missão do Reino? É o que veremos no item a seguir.

3.3 Cenários das juventudes que chegam às casas de formação

Segundo os especialistas em vocação, o perfil daqueles que optam pela vida religiosa passa por importantes e absurdas transformações. À priori, os jovens eram incentivados pela família para ingressar em uma carreira de futuro promissor e destaque na sociedade vigente. Atualmente são os trabalhos comunitários e o envolvimento com a Igreja que o despertam para a vida religiosa ou o sacerdócio.

Hoje, os vocacionados (as) são oriundos da periferia, de comunidades onde já são engajados e exercem algum tipo de liderança. Nesse espaço de atuação e engajamento, eles acabam descobrindo sua vocação.

Atualmente, na sociedade brasileira, os jovens que chegam às casas religiosas, em geral, possuem uma maioria e isso se aplica tanto aos rapazes quanto às moças. Estes, notadamente, adotam um estilo de vida mais ou menos modesto, sendo provenientes na maioria das vezes de famílias pobres, com muitos membros.

Assumem o ritmo de vida de quem estuda na cidade grande, atuam em pastorais ligadas a uma paróquia ou área de pastoral, podendo ser confundidos com outros jovens não religiosos conforme o hábito de vestir-se. A opção pelo uso ou não do hábito revela, também, a cosmovisão e os significados que eles atribuem à inserção institucional e a consequente presença nos diferentes contextos socioculturais (Fernandes, 2011). Mas, de onde vem essa juventude que chega às casas religiosas? Quais seus sonhos e projetos de futuro? O que buscam na Vida Religiosa Consagrada?

Pensando na fase secularizante em que vive a juventude de hoje, Libânio (2011) considera algo bastante original acerca desse assunto:

Sem ter traços tradicionais da Vida Religiosa ou de Seminário, jovens fazem questão de sinalizar externamente a pertença a esse tipo de vida com túnicas, batinas, *clergyman*, hábitos até chamativos, como o da Toca de Assis. Revelam traços da pós-modernidade, ao frisarem a exterioridade e ao viverem o momento presente sem preocupação com o futuro[...] (Libânio, 2011, p.213)

Por outro lado, considerando as pesquisas realizadas a esse respeito, constata-se que as mudanças sociais e culturais vêm contribuindo para afastar os jovens da vida religiosa. Quem

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

busca essa opção, geralmente ingressa mais tarde, e além da dedicação aos ensinamentos, procura se profissionalizar para concorrer ao mercado de trabalho.

A Igreja não admite totalmente que há crises de vocação e esteja ameaçada de extinção, mas, no entanto, assume que vem fazendo trabalhos vocacionais nas comunidades para despertar o interesse nos jovens.

Há controvérsia quanto a essa crise de vocações. No cenário atual da Vida Religiosa muito se reflete sobre a crise de identidade e significados. Isso faz com que os jovens ainda procurem o caminho da consagração para viver uma vida de sentidos num mundo sem sentido real de vida concreta. Sobre esta constatação, pondera ir Márian Ambrózio:

A crise que os nossos institutos vivem hoje, não é uma crise vocacional, é uma crise de significado. Há um grupo grande de jovens que buscam uma forma histórica, um formato religioso onde possam expressar sua consagração a Deus, e exigem que isso seja feito de forma radical, e não enxergam isso em nós. Não somos suficientemente significativos para essa juventude (Maristas, 2012).

Nessa perspectiva, os jovens parecem buscar estilos de vida agregadores e integradores, mas com uma espiritualidade voltada para o intimismo com Deus. São expressões de espiritualidade carismática que na maioria das vezes predomina nas práticas religiosas da juventude contemporânea. Com uma ampla pesquisa nesta área contribui a socióloga Sílvia Regina Alves Fernandes:

[...] estudos etnográficos têm demonstrado que outros modelos de Vida Religiosa exercem atração sobre a juventude sempre em busca de novas experiências, sobretudo, sobre a VR feminina. Esses modelos possuem forte inspiração na Renovação Carismática Católica - RCC, movimento inaugurado na cidade de Campinas/SP, em 1968, e que logrou franca expansão a partir dos anos 80. Assim, muitos jovens ávidos pela espiritualidade carismática passaram a formar comunidades de oração e estas ganham vigor e expandem-se a partir de encontros nas casas e, posteriormente, nas paróquias católicas [...] (Fernandes, 2011).

Enquanto nas comunidades de origem, na própria família, os jovens vivem uma vida profissional e pessoal ordinária, sem uma adesão radical à comunidade eclesial, nas comunidades formativas eles devem ser preparados para consagrar-se inteiramente ao trabalho religioso conforme o carisma e a espiritualidade do Instituto escolhido. Isso exigirá um amadurecimento da fé e um discernimento pessoal.

A Casa de Formação, ou melhor, dizendo, a Comunidade Formadora constrói um “modelo comunitário ” no qual os jovens são formados para viver os votos religiosos de Pobreza, Castidade e Obediência , isso às vezes pode apresentar-se como mais ameaçador ao estilo de vida tradicional, pois se, por um lado, abre à juventude a possibilidade de adesão

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

radical, por outro, permite o desenvolvimento de um tipo de experiência comunitária menos rígido sob o ponto de vista das relações pessoais, o que favorece a manutenção de aspectos próprios à juventude: alegria e espontaneidade.

Portanto, o perfil das juventudes que se aproximam das casas religiosas são os mais diversos e heterogêneos. Essa juventude vem fazer uma experiência de Deus a fim de aprofundar o chamado ao seguimento de Jesus. Isto está carregado de desafios, mas também de ricas possibilidades de renovação da própria modalidade de formação que se adota nas Casas de Formação de cada Instituto ou Congregação religiosa. Finalmente, qual é o papel de uma comunidade formadora no processo formativo dessa juventude religiosa?

4 O papel da comunidade formadora no processo formativo

Educar uma nova geração de jovens que chegam às casas religiosas para viver uma experiência de encontro com a pessoa de Jesus, segundo o carisma próprio de cada congregação, tornou-se um grande desafio para as equipes de formação das comunidades religiosas nos tempos atuais. Como acompanhar essa juventude no seu desejo mais íntimo de experimentar Deus nos acontecimentos do dia a dia, no hoje da história pessoal de cada um?

Estimulados pela prática formativa de Jesus, que com sua dinâmica de convivência, inaugura uma nova forma de discipulado, reflete-se sobre o papel de uma comunidade que forma para o discipulado. Como está organizada essa comunidade? Qual o papel das pessoas consagradas que vivem nessa comunidade? Há um perfil exigido para colaborar no processo formativo das novas gerações que iniciam o caminho vocacional?

Considera-se que a comunidade formadora, na qual os membros que lá residem constituam um suporte testemunhal para os formandos e formandas integrantes dessa comunidade. Esta reflexão quer superar o modelo do(a) mestre de formação como único sujeito responsável pela formação das etapas que são processos ou itinerários a serem vivenciados no percurso formativo. Para isso, exigir-se-á uma colaboração e presença harmoniosa adequada de toda a comunidade formativa, espaço onde tem lugar uma iniciação à dificuldade e à alegria da vida em comum.

Compreende-se que “o processo formativo é de responsabilidade de todos os envolvidos, ou seja, de todos os que estão no processo de ingresso como os já nele engajados. Assim se cria e se mantém uma cultura vocacional” (Dullius, 2015, p. 266). Nessa perspectiva qual será então

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

o papel da comunidade formadora no processo formativo? Procura-se acentuar a importância da contribuição pessoal de cada irmão ou irmã da comunidade formadora no processo formativo dos jovens que procuram a Vida Religiosa.

A implicação testemunhal de cada um, a centralidade do Evangelho na vida comunitária, enfim, tudo o que se aplica à formação inicial do jovem, espera-se que já tenha sido assimilado e reelaborado de alguma maneira pelo irmão ou irmã de comunidade. Essa integração pode ser um conteúdo concreto da vivência do Carisma na vida da comunidade. A respeito disso, constata-se que:

A verdadeira comunidade é um lugar de transcendência: estimula as pessoas a amarem a Deus com todo o coração, com toda a mente e com toda a vontade. [...] a comunidade tem razão de ser em função de valores, se é um lugar que serve para internalizá-los melhor. [...] A comunidade é eficaz na medida em que ajuda a aprofundar o empenho vocacional e a construir o reino de Deus (Brandão, 1985, p.137).

Pode-se afirmar então, que a comunidade formadora deve criar uma relação mistagógica no processo formativo. Tem ela a incumbência de acompanhar os formandos (as) na caminhada para Deus à luz do carisma congregacional e o que é próprio da VRC. Vejamos, então, como se integram e se correlacionam o processo formativo e a comunidade formadora.

4.1 O processo formativo e a comunidade formadora

A casa de formação enquanto espaço de valores, tradições e carismas, e, sobretudo por ser um lugar onde o amor é ensinado e exercitado, é também a escola de preparação para viver o projeto de Deus. Por isso mesmo, é também um espaço de contradições e conflitos geracionais, onde se constrói as relações a partir das diferenças e modos de lidar com a vida e o mundo circundante.

O papel do formador (a) diante da comunidade de irmãos/irmãs que irão colaborar no processo formativo é de propor um caminho pedagógico e mistagógico que favoreça o crescimento cronológico e o crescimento humano-espiritual de todos os membros da comunidade. Logo, se compreende que nesse espaço comunitário, o testemunho é a chave premiada para todo processo formativo. De quem forma é exigido acima de tudo, aquela credibilidade que dá sustentação à coerência de vida, portanto:

O formador é chamado a propor-se como testemunho da verdade e do bem, testemunho talvez não perfeito, mas sempre disposto a colocar-se e recolocar-se em

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

sintonia com a sua missão, e a não renunciar jamais ao exercício de sua responsabilidade (Ricciari, 2012, p. 101).

Espera-se que o formador tenha uma pedagogia própria a fim de facilitar a sua relação com os membros da comunidade que assumem o processo formativo junto com ele. Deseja-se que o formador conheça as exigências atuais da VRC com seus desafios e possibilidades para que assim possa interagir com a comunidade formadora.

A atuação do formador junto à comunidade formadora é desenvolver um processo de formação para a conversão da vida aos valores do Evangelho, “tendo a mente aberta, arejada, compassiva, compreensiva, acolhedora e dialogal” (Vitório, 2008, p.67). É desenvolver uma relação profundamente humana para que a comunidade toda se implique no processo de formação, assumindo o caminho mistagógico do discipulado que se desdobrará no projeto de vida da comunidade.

Como comunidade formadora, deve tornar-se um espaço de estímulos e de recursos, uma escola da vida onde todos têm alguma coisa a ensinar e alguma coisa a aprender. Assim a comunidade formativa na VRC constitui-se numa verdadeira mistagogia.

O processo formativo exige uma série de atitudes a serem cultivadas tanto pelo formando quanto pelo formador. Faz-se necessário estabelecer relações adultas e inteligentes entre as duas partes para o bom êxito da formação.

Aqui a comunidade formadora é de extrema relevância por cumprir o papel de mediadora na ação do processo formativo. Pois também faz parte de uma rede bastante ampla de mediações pedagógicas, entre as quais, em primeiro lugar, a ação do Espírito Santo, depois o próprio sujeito, a comunidade e o contexto sociocultural, tendo Jesus como o centro de todo o processo formativo.

4.2 A comunidade formadora em vista da missão

O processo formativo deve contribuir para que as pessoas e os grupos tenham condições de viver com liberdade e responsabilidade, inserindo-se na sociedade e servindo aos demais inspirados no Reino de Deus.

A formação deve considerar amplamente as características pessoais, culturais, religiosas e sociais dos envolvidos no processo formativo em vista de uma formação integral para a missão

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

(Vitório, 2008, p.47). Há que se considerar os conteúdos e metodologia transmitidos nos processos formativos das famílias religiosas.

Permanece como elemento central no processo formativo a pertença a comunidade onde o formando(a) fará o percurso para a consagração ao Senhor que o chamou a segui-lo, no espírito de um carisma específico e para uma missão peculiar no âmbito da Igreja. Desse modo, João Paulo II exorta:

É na fraternidade que se aprende a acolher os outros como dom de Deus, aceitando as suas características positivas e, ao mesmo tempo, as suas diversidades e limitações. É na fraternidade que se aprende a partilhar os dons recebidos para a edificação de todos. É na fraternidade que se aprende a testemunhar desde a formação inicial, a dimensão missionária intrínseca à consagração (CIVCSVA, 2017, nº16)

Portanto, a comunidade formadora precisa considerar a contribuição que cada um pode oferecer com os próprios talentos e carismas, e com sua diversidade. Ao transpor o limiar de uma casa religiosa o formando(a) se revestirá do espírito de pertença e da responsabilidade para qual se sente chamado a pertencer ao grupo, a fim de assumir uma missão específica no seu conjunto.

A comunidade é um elemento essencial da VRC, não é uma elaboração teórica do Evangelho. Construir uma comunidade em consonância com o Evangelho e que ao mesmo tempo contribua para formação da personalidade de cada um torna-se um desafio permanente.

Segundo Dullius (2015), o processo formativo indica um itinerário de socialização, crescimento e oblatividade, para isso, supõe conteúdos específicos tais como:

- Processo criativo de superação
- Alternativa e ressignificações
- Considerar a pessoa em seu itinerário e ideais
- A proposta libertadora do Evangelho
- Salutar itinerário de vida com sentido e de serviço aos necessitados

A grande meta da comunidade formadora, considerando o conhecimento e o desenvolvimento dos formandos(as) em vista da missão, é despertar para a capacidade de amar, ensiná-los a amar. Desenvolvendo a capacidade de amar, transformando as relações de vida para poder expressar a opção pelo Reino, em um testemunho alegre nos lugares onde estiverem presentes e atuantes.

Seguir Jesus Cristo hoje, só tem sentido com o pertencimento a uma comunidade de consagrados em vista de missão do Reino, junto aos mais pobres da sociedade contemporânea.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

Assim, toda formação para a vida Religiosa consagrada visa a pessoa e a instituição envolvidas, tendo presente a missão de contribuir na construção do Reino de Deus.

A meta a ser atingida para ser discípulo de Jesus com liberdade é ter capacidade real de assumir o engajamento na construção da tão sonhada “civilização do amor” (Dullius, 2015, p.258). A alegria de conhecer Jesus Cristo e o Evangelho propicia uma visão da vida e do mundo com um sentido profundamente humano e humanizador. Isso exige a compreensão da importância de viver em comunidade por causa da missão.

A missão torna-se consequência da consagração ao Reino. O centro da formação já não é mais unicamente a pessoa e o grupo, mas o projeto de Jesus para o qual foi chamado a pessoa e o grupo a existir. Portanto, “a missão será o foco transversal e se dá atenção especial aos agentes, sua estrutura, sua liberdade, sua capacidade para exercer com objetividade, gratuidade e amor a missão” (Dullius, 2015, p. 260).

O ideal resultante desse processo formativo é surgir pessoas livres, adultas, objetivas e disponíveis para o engajamento junto aos mais pobres, servindo a partir dos apelos de Deus no hoje da história.

5 Considerações finais

Diante do que se refletiu acima, podemos inferir algumas considerações que servirão para fomentar uma pedagogia do discipulado no contexto de comunidade formadora.

O caminho empreendido até aqui teve o intuito de oferecer um referencial de comunidade formativa a partir do modelo de Jesus e seus discípulos. Acredita-se na formação como processo de crescimento amplo em todos os aspectos humanos e espirituais.

A pedagogia do discipulado supõe um itinerário formativo que prescinde uma nova forma de convivência entre os discípulos e o mestre, formando uma comunidade itinerante. É na comunidade que o “formando-discípulo” tem a sua iniciação no contato com o “mestre-formador”, em uma caminhada lado a lado, na confiança e na abertura de coração.

Sabe-se também, que o processo formativo para a Vida Religiosa Consagrada deve incorrer em uma verdadeira *mistagogia*. A função do formador como *mistagogo* é ajudar o formando a mergulhar no caminho para Deus, com seu testemunho de vida, tornando-se um referencial estimulante da assimilação do mistério divino, fazendo o percurso do itinerário para Deus.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

A formação assumida em uma perspectiva mistagógica, favorece a experiência de transcendência, ajudando o formando a descobrir o seu próprio mistério pessoal para confrontá-lo com o mistério da vida ao seu redor, a fim de encontrar Deus encarnado na história.

Acredita-se que o processo formativo vivenciado em uma comunidade formadora, contribui para o crescimento integral da pessoa em formação e dos grupos, para que tenham condições reais de fazer escolhas conscientes e livres, assumindo com responsabilidade as consequências dessa escolha.

No Evangelho de Marcos, a prática formativa de Jesus impulsiona para o discipulado, ou seja, para o pôr-se a caminho com o Mestre, assumindo a capacidade de viver em comunidade por causa do anúncio do Reino. O Reino é dom e tarefa. Jesus é o mestre-amigo que forma na convivência, preparando para a vida, despertando para os valores do Reino que anuncia com o próprio testemunho.

O desafio para as comunidades formativas contemporâneas é proporcionar às pessoas em formação, uma autêntica experiência de Deus no cotidiano da comunidade, deixando-se configurar com a pessoa de Jesus, traduzindo na prática mistagógica as palavras e ações do Mestre. Essa experiência deve conduzir o(a) formando(a) para responder ao chamado de Jesus como discípulo-missionário, assumindo com radicalidade a missão do Reino.

Referências

BÍBLIA. **Evangelho segundo Marcos**. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BRANDÃO, M. **Psicologia e formação religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). **A Bíblia na Formação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 189-199. (Coleção tua palavra é vida; 2)

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICAS (CIVCSV). **Vinho novo, odres novos: a vida Consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto: orientações**. São Paulo: Paulinas, 2017.

DULLIUS, P. Uma formação integral hoje e amanhã. *In*: SUSIN, Luiz Carlos (org.) **A Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação**: “vejam que estou fazendo uma coisa nova!” (Is 43,19). São Paulo: Paulinas, 2015, p. 243-269.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p01120131

FERNANDES, S. R. A. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 26, n.3, p. 663-684, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000300012. Acesso em: 28 dez. 2017.

KONINGS, J.; GOMES, R. M. **Marcos: O Evangelho do reinado de Deus**. São Paulo: Loyola, 2018.

LIBÂNIO, J. B. **Para onde vai a juventude?** Reflexões pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

CONVERGÊNCIA. Rio de Janeiro, n.335, p. 396, set.,2000.

MESTERS, C. **Jesus, formando e formador**: aprender e ensinar com Jesus. São Leopoldo: CEBI, 2012.

RICCIERI, P. **Formação ao alcance de um clique**: comunicação digital desafios e oportunidades. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 95-115.

SOARES, S. A. G.; CORREIA JÚNIOR, J. L. C. **Evangelho de Marcos**: refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002. v. I.

VITÓRIO, J. **A pedagogia na formação**: reflexões para formadores na vida Religiosa. São Paulo: Paulinas, 2008.